


**O PERCURSO BIOGRÁFICO DE ANA CRISTINA DE MORAES E A FORMAÇÃO ESTÉTICO-ARTÍSTICA DOCENTE NA PERSPECTIVA DA (AUTO)FORMAÇÃO*****THE BIOGRAPHICAL JOURNEY OF ANA CRISTINA DE MORAES AND HER AESTHETIC AND ARTISTIC TRAINING AS A TEACHER FROM THE PERSPECTIVE OF (SELF)EDUCATION***Dória Karenina Castro de Almeida<sup>1</sup> - UECE Francisca Luzia Araujo de Souza<sup>2</sup> - UECE Lia Machado Fiuza Fialho<sup>3</sup> - UECE **RESUMO**

Objetivou-se biografar a professora Ana Cristina de Moraes com ênfase em seu percurso formativo destacando a dimensão dos saberes estético-artísticos, artísticos mobilizados em processos de (auto)formação docente no ensino superior da Universidade Estadual do Ceará (2005-2025). Desenvolveu-se uma pesquisa do tipo biográfica, ancorada teoricamente na História Cultural, que possibilitou o alargamento de novas abordagens (Burke, 2021) e, metodologicamente, na História Oral (Meihy; Holanda, 2023). As fontes foram coletadas por intermédio de entrevista livre com a biografada. Os resultados apontam que o percurso formativo da professora possibilitou compreender uma trajetória pautada em uma formação sólida, contínua e articulada aos processos de desenvolvimento docente na Educação Superior. Sua formação no campo da arte fundamenta-se em saberes estético-artísticos, os quais são mobilizados por meio de um processo autoformativo, que contribui significativamente para a sua prática docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** História de educadoras; Biografia; Saberes estéticos.

**ABSTRACT**

The objective was to write a biography of Professor Ana Cristina de Moraes with an emphasis on her educational background, highlighting the dimension of aesthetic-artistic knowledge mobilized in processes of teacher self-training in higher education at the State University of Ceará (2005-2025). Biographical research was developed, theoretically anchored in Cultural History, which enabled the expansion of new approaches (Burke, 2021), and methodologically in Oral History (Meihy; Holanda, 2023). The sources were collected through a free interview with the biographee. The results indicate that the teacher's educational path made it possible to understand a trajectory based on solid, continuous training linked to the processes of teacher development in higher education. Her training in the field of art is based on aesthetic-artistic knowledge, which is mobilized through a self-training process that contributes significantly to her teaching practice.

**KEYWORDS:** History of educators; Biography; Aesthetic knowledge.

<sup>1</sup> Mestrado em educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora efetiva da Rede Municipal de Fortaleza. E-MAIL: [doria.karenina@aluno.uece.br](mailto:doria.karenina@aluno.uece.br).

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Pedagoga pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. E-MAIL: [misa.lucy@gmail.com](mailto:misa.lucy@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora e Pós-Doutora em Educação. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE). Líder do grupo de estudo Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO). E-MAIL: [lia.fialho@uece.br](mailto:lia.fialho@uece.br).

## INTRODUÇÃO

A pesquisa insere-se no campo da História da Educação, com ênfase, na biografia de mulheres educadoras e discute a atuação da professora Ana Cristina de Moraes, doravante, Ana Cristina, a partir dos imperativos formativos que compõem a estética docente do sujeito sensível, em diálogo com a estrutura artística do capitalismo contemporâneo “[...] passagem do estado passivo da sensibilidade para o ativo do pensamento e do querer dá-se, portanto pelo estado intermediário da liberdade estética (Schille, 2002, p. 113).

Nesse bojo, a formação estética como movimento dialético e educacional, situa-se como ciência no ensino das artes envolvendo a percepção, a imaginação e a sensibilidade para o belo, o expressivo e o simbólico no mundo, de modo que a “[...] dialogação implica a responsabilidade social e política do ser humano” (Freire, 1980, p. 69), opondo-se ideias do capitalismo artista e circularizando a estética como formação e conhecimento docente.

Considerando a relevância das biografias para a História da Educação, esta pesquisa elegeu a vida da professora Ana Cristina, como objeto de estudo. Atualmente, a biografada é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE), está vinculada aos Programas de Pós-Graduação - PPGE e Mestrado em Educação e Ensino - MAIE/UECE. Ela ainda está como coordenadora do grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH) da mesma instituição.

A biografada iniciou o ofício de docência no ensino superior em 2001 como professora substituta na UECE em Fortaleza, em 2003 passou na seleção para professora substituta na UECE de Itapipoca e em 2005, tornou-se professora efetiva da mesma instituição, permanecendo até o ano de 2023, quando participou da seleção interna de transferência para o Centro de Educação (CED) em Fortaleza. Iniciou trabalho com a disciplina arte-educação e formação estética no ensino superior em 2011. Atualmente, Ana Cristina vem elaborando projetos sobre formação docente e inovação pedagógica, tomando como referencial a abordagem das aulas-oficina nos cursos de Pedagogia, sobretudo na Uece e em países diversos, a exemplo de Guiné Bissau, Portugal e México, dentre outros.

Importa situar que a Uece foi criada em 1975, atualmente é a de maior abrangência no estado, com aproximadamente 18.212 discentes matriculados e 63.752 alunos formados. Com campi em várias macrorregiões do estado, a exemplo de Mombaça, Limoeiro do Norte, Tauá, Crateús, Quixadá, Quixeramobim, Canindé, Aracati, Pacoti, Guaiúba, Iguatu e Itapipoca, sendo este último, o campus que Ana Cristina Moraes permaneceu por 20 anos como docente (DETIC/UECE, 2024).

Questionou-se como uma mulher do interior de Pernambuco, vinda de uma educação básica deficiente e inconstante, conseguiu ingressar no ensino superior público e alçar uma carreira sólida na UECE, contribuindo de forma significativa na formação de docentes e pesquisadores, em específico, na área de Educação e Artes nos programas de Graduação e Pós-Graduação da UECE.

Diante do exposto, objetivou-se biografar a professora Ana Cristina com ênfase em seu percurso formativo destacando a dimensão dos saberes estético-artísticos mobilizados em processos de (auto)formação docente no ensino superior da Universidade Estadual do Ceará (2005-2025) e como objetivos específicos: compreender o percurso formativo da professora Ana Cristina na perspectiva dos saberes estético-artísticos; Discorrer sobre as contribuições da formação de professores diante das contribuições dos saberes estético-artísticos de Ana Cristina de Moraes na dimensão da (auto)formação docente, uma vez que “a perspectiva de trabalhar

com biografias e/ou histórias de vida forneceu subsídios para entender a biografada em várias dimensões, bem como vislumbrar, também, os aspectos constituintes da sociedade de outrora [...]” (Rodrigues, 2015, p. 61).

A relevância em biografar a professora Ana Cristina consiste na importância e na possibilidade do trabalho com memórias e narrativas de pessoas comuns que vivenciaram acontecimentos importantes na história da educação, além de trazer à baila as trajetórias de mulheres educadoras em diferentes contextos. Para além disso, busca romper o silêncio e a invisibilidade na qual as mulheres eram mantidas anteriormente (Perrot, 2007).

Além disso, a pesquisa busca romper com os silenciamentos historicamente impostos pela narrativa hegemônica que, ao longo da história, desconsiderou ou invisibilizou trajetórias de mulheres educadoras, relegando-as a espaços de subalternização e marginalização social e epistêmica. Reconhecer e valorizar a história da professora Ana Cristina, enquanto sujeito que se autoforma e contribui para a formação de outros, significa também reivindicar um lugar de fala, de existência e de legitimidade para as mulheres no campo educacional, especialmente aquelas que constroem sua prática a partir da dialogicidade, da resistência e da emancipação.

Feitas essas considerações, apresenta-se a organização e a estrutura do conteúdo específico da pesquisa produzida, dividida em 4 seções, a saber: a) introdução, contendo a temática em tela, a problemática, objetivo e a relevância da pesquisa no campo da história da educação e a (auto)formação de professores; b) metodologia, que descreve os pressupostos teórico e os metodológicos em que fundamentaram a pesquisa; c) resultados e discussões, onde se apresenta os resultados obtidos e sua análise, este subdividido em dois tópicos; d) as considerações finais, seção em que se retoma alguns pontos discutidos no decorrer do texto, tais como: a problemática e os objetivos propostos, para enfatizar as principais ideias desenvolvidas na pesquisa biográfica e os contratempos encontrados no percurso.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo biográfico, amparado na História Oral a partir de entrevista livre com a biografada como instrumento de coleta de fontes (Nogueira; Cunha; Fialho, 2023). Partindo dessa base, a pesquisa qualitativa configura-se em diversos tipos de abordagens e métodos, como nas análises de diversas perspectivas das esferas da vida (Flick, 2009).

Ante o exposto, o estudo é amparado teoricamente nos pressupostos teóricos da História Cultural, a partir da terceira geração de *Annales* (Burke, 2021), a qual possibilitou o alargamento da compreensão de fontes historiográficas, estendendo sua reflexão para novos problemas, novas abordagens e novos objetos de estudos. Especialmente, em pesquisas do tempo presente (Fiorucci, 2011), que nos permitiu considerar a oralidade da biografada como fonte principal entrecruzada com documentos pessoais e oficiais. Sobretudo, valorizou-se as contribuições educacionais de Ana Cristina, considerando sua oralidade acerca de seu percurso formativo e atuação profissional no ensino de artes na educação superior.

Desta feita, desenvolveu-se um estudo do tipo biográfico (Dosse, 2022), no qual, mediante a trajetória formativa da biografada, podemos compreender, mesmo que em uma escala reduzida, a história de mulheres educadoras no estado do Ceará do século XXI. Além disso, como metodologia, amparamo-nos na História Oral (Alberti, 2004), cuja metodologia é muito cara aos estudos biográficos e historiográficos atualmente, e que nos possibilitou conhecer e registrar a história e as contribuições da professora Ana Cristina no cenário educacional de Fortaleza/CE.

Ao longo da historicidade perdurou a “[...] exclusividade de um só sexo. Passagem marcada por espaços onde os homens exerciam seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes limites os lugares femininos” (Del Priore, 2010, p. 217). Nesse âmbito, a negação do reconhecimento do ser feminino como sujeito produtivo resulta na impossibilidade de compreender integralmente e trajetória e, de modo particular, de valorizar sua identidade educacional. Portanto, consideramos relevante evidenciar a resistência e a produtividade intelectual e artística, em discurso, da mulher possibilita a socialização e a valorização de suas experiências, perspectivas e contribuições, promovendo assim, uma maior equidade e acessibilidade em diferentes contextos.

A coleta das fontes foi realizada por meio de entrevista livre em história oral (Meihy; Holanda, 2023) com a biografada com o auxílio de aparelho eletrônico *smart phone*, na UECE, em 18 de fevereiro de 2025, com duração de 41min e 32s, a entrevista foi transcrita, textualizada e, posteriormente, validada. Importa destacar que Ana Cristina assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), demonstrando ciência na divulgação da sua identidade no estudo em tela.

### **PERCURSO FORMATIVO DA PROFESSORA ANA CRISTINA NA PERSPECTIVA DOS SABERES ESTÉTICO-ARTÍSTICOS**

Ana Cristina é a filha caçula de José Assis de Moraes e Valdelice Maria de Moraes. Dessa união, nasceram outros quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Ela nasceu em 6 de novembro de 1975, na cidade de Recife, capital de Pernambuco, onde permaneceu durante os dois primeiros meses de vida, período correspondente ao puerpério de sua mãe.

José Assis de Moraes, pai da biografada, trabalhou como vendedor externo durante quase toda a infância e adolescência de Ana Cristina, por conta disso, ela vivia em constantes mudanças, tanto de moradia, quanto de escola. A biografada relata: “[...] meu pai trabalhava como vendedor em uma empresa e de vez em quando ele era transferido para outra cidade, dessa forma, a gente se mudou muito” (Moraes, entrevista em 18/02/2025).

Nesse bojo, Ana Cristina, iniciou seu processo de escolarização na década de 1980, aos 6 anos, na então, alfabetização, em uma escola pública no bairro Álvaro Weyne em Fortaleza, porém, o trânsito de trabalho de seu pai fez com que ela passasse por várias escolas, por diversas vezes tendo que mudar de escola no meio do ano letivo. Dessa forma, aproximadamente aos 8 anos de idade, a biografada foi morar em Juazeiro do Norte, ingressando em uma escola de orientação católica, no anexo da Igreja de São Francisco, onde permaneceu estudando até o primeiro semestre da 4<sup>a</sup> série do primeiro grau, quando sua família retorna novamente a Fortaleza.

Importa mencionar que na década de 1980, o sistema educacional brasileiro tinha um quadro preocupante, conforme Shiroma, Moraes e Olinda (2002, p. 44) relatam,

[...] o quadro educacional brasileiro era dramático: 50% das crianças repetiam ou eram excluídas ao longo da 1<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau; 30% da população eram analfabetos, 23% dos professores eram leigos e 30% das crianças estavam fora da escola. Além disso, 8 milhões de crianças no 1<sup>o</sup> grau tinham mais de 14 anos, 60% de suas matrículas concentravam-se nas três primeiras séries que reuniam 73% das reprovações. Ademais, é importante lembrar que 60% da população brasileira viviam abaixo da linha da pobreza.

Contudo, mesmo com o quadro educacional da época apontando para um sistema deficiente, com difícil acesso e permanência escolar para as crianças e adolescentes, Ana Cristina, juntamente com seu irmão mais novo, conseguiram prosseguir com os estudos, retomando o ano letivo no Ginásio Anchieta, localizado no bairro Parangaba, na rua Germano Franck, 613, Fortaleza, atualmente extinto. Era uma escola das mais tradicionais da cidade na época e, também, com ligação religiosa. O edifício foi construído em 1945 para ser um dos principais polos de formação no Ceará de padres salvatorianos. O seminário era vinculado à Paróquia Bom Jesus dos Aflitos. Importa mencionar que a biografada concluiu o ensino de primeiro grau de forma alternada, entre escolas públicas e privadas.

Após a conclusão do primeiro grau, a biografada inicia o segundo grau em uma escola pública localizada no bairro Damas. Todavia, a escola carecia de uma gestão melhor, o que acarretou o descontentamento da biografada, uma vez que ela não se sentia assistida para o ingresso no ensino superior. Assim, por meio de muita insistência junto aos seus pais, ela consegue transferir-se para um colégio particular, chamado Equipe, localizado na Av. Rui Barbosa, 1999, Aldeota.

Ao tentar rememorar fatos da sua escolarização, Ana Cristina lamenta pelas dificuldades em criar vínculos afetivos, “[...] com isso a gente sempre ficava mudando de escola e eu achava isso ruim porque não criava vínculos com as pessoas” (Moraes, entrevista em 18/02/2025). Assim, como as vivências envolvendo experiências estético-artísticas durante a sua infância, conforme o texto “Educação estética e auto(formação): singularidade no tornar-se docente” de autoria da biografada, ela explicita sua frustração sobre o assunto,

[...] vejo o quanto é difícil, e até um pouco frustrante, a falta de imagens que remetam a isso de modo significativo. É como se fosse a prova concreta da precariedade de meu acesso a uma educação estética (principalmente formal) por meio de experiências artísticas (Moraes, 2018, p. 23).

Durante a trajetória escolar da biografada, o ensino de artes foi marcado por uma abordagem reducionista e marginalizada no currículo, ocupando posição inferior em relação às disciplinas consideradas centrais, como língua portuguesa e matemática. Assim como a constante mudança de escolas, a religião católica, o civismo, a valorização de datas comemorativas e a baixa qualidade do ensino em escolas públicas foram marcas deixadas na memória da biografada.

As práticas artísticas restringiam-se a atividades esporádicas, geralmente associadas a datas comemorativas, sem favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e expressão. Tal perspectiva refletia uma concepção educativa baseada no modelo positivista que limitava a formação estética e cultural dos estudantes. Segundo Hernández (2000), o currículo de 1990 valorizou o ensino de arte ao incorporar essa área como opção formativa no ensino básico, ao alinhá-lo às transformações culturais contemporâneas, reconhecendo a importância da dimensão visual. Essa reformulação envolveu mudanças nos nomes das disciplinas e a redefinição de seus objetivos, reforçando o papel estético e formativo da arte.

Conforme as narrativas conferidas em sua tese de doutorado “Educação Estética em Práticas Antropofágicas na Ampliação do Repertório Artístico-cultural de Estudantes de Pedagogia (UECE)”, a biografada faz uma reflexão sobre o ensino de artes na época da sua Educação Básica,

No contexto escolar, à época em que eu fazia o Ensino Fundamental e Médio, nos anos 1980 e princípio dos de 1990, não era conferida ênfase ao ensino de artes; ao contrário, era pouco significativo esse campo de conhecimento. Tanto

é que tenho rasas lembranças ou aprendizagens significativas. Havia, porém, os momentos de eventos festivos e datas comemorativas, como as festas juninas, Dia das Mães e dos Pais, Páscoa, Independência do Brasil, quando desfilávamos nas ruas – disso eu recordo gostar muito, apesar de serem eventos clichês, até hoje [...]. Fora da escola, tive algumas experiências estéticas, principalmente em meus períodos de férias que passava em Pernambuco, tanto no interior do estado como no Recife, minha terra natal. Períodos de Carnaval, São João e festas natalinas no Recife e em Olinda (Moraes, 2015, p. 38).

Percebe-se que, fora dos espaços institucionais de ensino, Ana Cristina conseguiu vivenciar experiências estéticas mais significativas que contribuíram de forma relevante para a formação sensível e cultural. Assim sendo, essas experiências demonstram que a educação estética não se restringe ao ambiente escolar, ocorrendo também nos encontros cotidianos, nas manifestações culturais, nos rituais comunitários e nas tradições populares. Tais experiências reverberaram em uma formação sensível, sendo ampliada pela interação com o território, com a cultura local, com as festividades e com os modos de viver e celebrar da comunidade.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de arte foi incluído no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1971, como uma atividade educativa e não como uma disciplina, cujo título Educação Artística tratava de forma indefinida o conhecimento. Dessa forma, o ensino de arte passa a ser considerada disciplina obrigatória somente com a nova LDB de 1996 (Brasil, 1998).

Com isso, o ensino de arte além de objetivar promover o desenvolvimento cultural, contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos educandos, assim como amplia o conhecimento do sujeito em relação a si e ao mundo.

Ana Cristina concluiu a educação básica no final do século XX, todavia, esta foi influenciada pelo ensino tradicional, que consistia em um ensino mnemônico e enciclopédico. Podemos verificar, assim, que, ao contrário dos percursos formativos de muitos estudantes da época, que não conseguiam prosseguir nos estudos, principalmente aqueles advindos das camadas populares que necessitavam adentrar no mercado de trabalho muito cedo para auxiliar na renda familiar, inviabilizando, dessa forma, a escolarização (Souza; Dantas; Fialho, 2024).

Nessa seara, Ana Cristina ingressou no curso de Serviço Social em 1994, pela UECE e durante esse percurso formativo participou de formações extracurriculares, oficinas, cursos livres, estudou literatura brasileira e envolveu-se com o teatro, com ênfase em bonecos, ligadas a atividades manuais. A memória, construída a partir do trabalho manual e do fazer introspectivo, proporcionou à biografada, reflexões acerca de suas escolhas relacionadas ao teatro e à linguagem artística com a qual mais se identifica.

Essa vivência não apenas fortaleceu seu vínculo com as práticas artísticas, como também oportunizou a condução de oficinas temáticas, a criação de enredos para histórias de bonecos e a utilização dos saberes adquiridos em sua trajetória. Esses conhecimentos foram aplicados tanto nas atividades desenvolvidas no movimento estudantil quanto na realização de oficinas formativas voltadas às estudantes, especialmente durante o período em que atuou como estagiária no curso de Serviço Social (Moraes, 2018).

Em 2001, Ana Cristina propôs-se a fazer o Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da professora Sandra Petit<sup>3</sup>, proporcionando aproximação com a área de movimentos sociais, educação popular e escola, na qual trabalhou

<sup>3</sup> Sandra Petit - Professora efetiva da Universidade Federal do Ceará há 24 anos, trabalha com educação das relações étnico-raciais (ERER) e Educação Popular. CV: <http://lattes.cnpq.br/6860521449989672>.

com uma abordagem de pesquisa sociopoética, envolvendo sujeitos coletivos e metodologias concentradas em artes.

A partir da interpelação sociopoética experienciada na especialização, a biografada desenvolveu pesquisas com o dispositivo arte, interagindo com “[...] pessoas que buscavam uma formação teórico-prática e experiências estéticas. Professores e artistas de variadas linguagens compunham o grupo de estudantes de tal curso [...] são registros dessa pluralidade” (Moraes, 2015, p. 49).

Ana Cristina dimensionalizou seus conhecimentos na área de educação estética, por intermédio da pesquisa envolvendo a educação estética de pedagogos a partir do seu ingresso no doutorado em educação (2012-2015), pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), explorando a vertente da formação docente de arte e história a partir das contribuições dos orientandos buscou aprofundar os conhecimentos dos professores que trabalham arte ou linguagens artísticas nos seus processos de ensino e nas suas trajetórias formativas.

Avultamos que a arte enquanto propulsora dos processos mentais como raciocínio, memória, imaginação e abstração do pensamento lógico e cognitivo, alicerçada na educação estética “[...] é relevante na formação do professor, pois, à medida que ele passa a ter contato com a arte como “fruidor”, torna-se um profissional que percebe o seu entorno de forma diferente” (Neitzel; Carvalho, 2016, p. 255), direcionado a adotar uma abordagem crítica, sensível, teórica e prática dos saberes artístico-culturais, estimulando a criatividade e a reflexão.

Ana Cristina tornou-se professora permanente da UECE em 2005, ministrou as disciplinas “Educação e Diversidade” e “Arte-Educação”. Em 2016, insere-se na linha de pesquisa Arte, Memória e Formação - Grupo de Pesquisa sobre Ensino, Arte e História (IARTEH), vinculado ao PPGE da UECE, posteriormente tornando-se coordenadora (2025), com foco na formação docente de arte e história.

A biografada, por meio de intervenções realizadas em cursos e oficinas socializa sua aprendizagem favorecendo seus alunos da graduação de pedagogia com o conhecimento adquirido, realiza, portanto, na sala de aula a disciplina teórico-prática, organiza saraus artísticos, organiza oficinas de educação musical, teatro de boneco, de rua e teatro do oprimido, “[...] busco estar alimentando minha formação estética e procuro realizar oficinas na perspectiva multiplicadora” (Moraes, entrevista em 18/02/2025), com atividades que dialogam, também com as concepções de Paulo Freire em relação à educação estética. Desse modo que suas contribuições criaram um arcabouço de atividades na formação estética do professor críticos e sensíveis no campo de resistência educacional.

Na seção que segue, abordaremos as contribuições da biografada na (auto)formação docente, diante dos conhecimentos estético-artísticos vivenciados ao longo de sua carreira docente.

## **CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES ESTÉTICO-ARTÍSTICOS DE ANA CRISTINA DE MORAES NA (AUTO)FORMAÇÃO DOCENTE**

A pós-modernidade é sinalizada por um discurso adaptável aos interesses políticos e sustentado por ideias enraizadas no neoliberalismo, teoria que adequou a identidade do homem contemporâneo, priorizando uma lógica de mercado e uma formação reduzida ao essencial, impacta a formação de professores, condicionando-os a um modelo educacional voltado à produtividade e à padronização, enfraquecendo sua relação com a arte, a estética e o ensino.

A arte constitui um meio privilegiado de acesso às dimensões subjetivas, sensíveis e simbólicas da vida cultural, frequentemente não captadas pelas construções racionais próprias

das ciências e da filosofia. Nesse sentido, a arte revela aspectos da experiência humana que transcendem a objetividade e a lógica formal, oferecendo caminhos para a interpretação e a ressignificação da existência.

Por meio da arte, temos acesso à dimensão da vida cultural não explicitamente formulada nas demais construções racionais (ciências, filosofia) e ressignificações da existência. Por outro lado, quando se pensa na dimensão estética da educação, esta expressão envolve um sentido para além dos domínios da própria arte, visto que o termo estética supõe uma certa harmonia, um certo equilíbrio de elementos da experiência humana. E, em nossa civilização, vem sendo sobremaneira difícil o encontro de um equilíbrio entre os sentidos que damos à vida e à nossa ação concreta no cotidiano (Duarte Júnior, 1988).

A inserção da arte no ensino formal vem ocupando espaços que sobrepujam gradualmente uma abordagem restrita à mera apreciação estética, entendida como um estado passivo e emudecido do espírito, bem como à sua redução a resumos ou à reprodução mecânica de obras de artistas consagrados. Para que o ensino e a aprendizagem artística sejam efetivos, torna-se necessário compreender que “A beleza liga os estados opostos de sensação e pensamento, e ainda assim não há meio-termo entre os dois. A certeza daquilo é dada pela experiência; a disto, imediatamente pela razão” (Schiller, 2002, p. 91).

A ideia expressa pelo autor Schiller (2002) remete a compreensão do que é apreendido pela sensação se confirma por meio da experiência sensível, enquanto o que pertence ao pensamento se válida de forma imediata pela razão. Assim, a beleza atua como uma ponte que articula, mas não elimina, as diferenças entre sentir e pensar.

A relação entre a beleza expressa por Schiller e a compreensão da dimensão formativa exerce a função de mediação entre os domínios da sensação e da razão, articulando o sentir e o pensar sem eliminar suas especificidades. Essa concepção estética, ao ser transposta para o campo educacional, fundamenta a ideia de que a formação humana não se restringe à transmissão de conhecimentos racionais, mas deve integrar a dimensão sensível, ética e poética. Portanto, a estética, enquanto princípio formativo, contribui para o desenvolvimento de sujeitos capazes de perceber, refletir e agir de maneira crítica e sensível, condição essencial para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e humanizada.

A educação é um ato que integra dimensões lúdicas e estéticas, orientando o educando na construção ordenada de sua existência, por meio da articulação entre experiências e significações. Quando os símbolos são dissociados da vivência, tornam-se vazios e desprovidos de sentido. Assim, uma educação que não possibilita ao sujeito atribuir significados vinculados à sua realidade reduz-se a um processo de adestramento, baseado no simples condicionamento a sinais (Duarte Junior, 1988).

Destarte, a valorização da estética como dimensão formativa, compreende-se que educar não é apenas transmitir saberes, mas possibilitar que o indivíduo desenvolva um olhar sensível, ético e poético para a vida, condição indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e humanizada.

Além dos ciclos de oficinas proporcionadas pela biografada em suas diversas linguagens, dentre elas o teatro de rua, de boneco, o teatro do oprimido, o cortejo brincante, o musical realiza organização de saraus artísticos e procura manter uma prática na qual proporciona em sala de aula a práxis pedagógica (Moraes, entrevista em 18/02/2025).

No contexto contemporâneo, da proeminência constante das complexidades das transformações sociais, repensar os processos formativos torna-se essencial, superando a lógica da mera transmissão de conteúdos em favor do desenvolvimento integral do sujeito. Logo, a

(auto)formação docente<sup>4</sup> configura-se como elemento central para a constituição da condição humana, ao estimular a percepção, a interpretação e a atribuição de sentidos às experiências, pois configura-se uma dimensão vinculada às manifestações artísticas.

A (auto)formação docente, no contexto dos processos educacionais, consiste na compreensão do ser humano como sujeito que articula, de forma dialética, a relação entre o “eu” singular, porém socialmente situado e o “outro”, por meio da alteridade. Esse processo visa à construção de uma consciência emancipatória, fundamentada na reflexividade crítica, que se efetiva na e pela práxis dialógica (Abreu; Nobrega-Therrien; Therrien, 2022, p. 8).

Nessa seara, Ana Cristina, por meio do Núcleo de Arte e Cultura na Educação (NACE), desenvolveu diversas atividades voltadas à capacitação, produção artística, exibição de peças teatrais, formação em teatro, bem como à promoção de mostras e eventos culturais, sempre comprometida com a construção de uma educação estética tanto para seus alunos quanto para sua própria formação. Entre os anos de 2009 e 2010, realizou a pesquisa intitulada “Saberes docentes mobilizados no ensino de artes de Itapipoca-CE”, a qual proporcionou um entendimento aprofundado sobre a realidade do ensino de artes nesse município cearense, especialmente no que se refere às práticas de promoção e valorização dessa área no contexto educacional do Ceará. Essa investigação também se revelou fundamental para orientar sua trajetória acadêmica, ao evidenciar a necessidade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmando a relevância dessa integração na formação docente e no fortalecimento da educação em artes (Moraes, entrevista em 18/02/2025).

Perante esse entendimento, o desenvolvimento profissional contínuo e autônomo dos professores em saberes estético-artísticos é fundamental para que possam aprimorar seus conhecimentos, habilidades e práticas pedagógicas, elaborando estratégias que estimulem a criatividade, a autonomia e a expressão dos alunos. Uma formação sólida, que contemple as diferentes linguagens artísticas, dentre as quais ressalta-se as artes visuais, a música, o teatro, a dança e o circo, é essencial para planejar aulas que valorizem a sensibilidade estética e a expressão criativa formativa. Esse processo emana uma autoexaminação que “[...] evoca para além da formação de si (autoformação), a formação na relação com o outro (heteroformação) e com o ambiente (ecoformação), contextualizada social e culturalmente” (Goldberg, 2023, p.13).

Em decorrência da (auto)formação docente, a práxis educativa promove um devir interior transformador, articulado às experiências e aprendizagens do sujeito-professor nas relações dialógicas com o outro e com o meio, priorizando uma dinâmica formativa que valoriza a alteridade e ganha centralidade na educação de adultos (Abreu; Nobrega-Therrien; Therrien, 2022) sobressai a dimensão singular de cada sujeito, validada na configuração de um processo contínuo da aprendizagem que ultrapassa a assimilação de saberes técnicos. Assumindo assim, um caráter dialógico e inacabado, sustentado pelo desenvolvimento da sensibilidade estética. Esta, por sua vez, amplia a autonomia crítica, potencializa a leitura de mundo e fortalece a capacidade de transformação da realidade.

As experiências de pesquisa vivenciadas pela biografada possibilitaram-lhe o conhecimento e as articulações entre a formação dos estudantes no campo da pesquisa e extensão e sua (auto)formação um processo de desenvolvimento pessoal e profissional caracterizado pela reflexão crítica da construção de si, sobre o outro e sobre o mundo, permitindo que o sujeito constitua-se de maneira integral, ética, estética, afetiva e cognitiva, portanto, emerge como um movimento permanente de construção da própria identidade. Assim, a dimensão estética assume

<sup>4</sup> Um processo de formação reflexiva e autorreferenciada implicada aos sentidos e significados produzidos no decurso/transitividade heurística da vida, em contexto de autonomização política, que se pauta na libertação e na emancipação (Abreu; Nobrega-Therrien; Therrien, 2022, p. 8).

papel central, por promover a sensibilidade, a criatividade, o equilíbrio e a harmonia nas relações humanas e na maneira de estar no mundo.

Ana Cristina atuou como secretária-geral do Sindicato dos Docentes da UECE (SINDUECE), no biênio 2008-2009, o que representou uma experiência que no âmbito da militância sindical, especialmente frente aos embates com o Governo estadual, representou um contexto da articulação política e, também, no cenário da mobilização de práticas estéticas e criativas na produção de materiais visuais e audiovisuais como vídeos, cartazes e campanhas capazes de sensibilizar, mobilizar e dar visibilidade às pautas da categoria junto à mídia, aos docentes e aos estudantes (Moraes, entrevista em 18/02/2025).

Em 2009, tornou-se coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca - FACEDI, no qual enfrentou desafios relacionados às limitações estruturais da Uece, como a escassez de docentes efetivos e de infraestrutura adequada. Apesar das dificuldades, essa experiência foi significativa para a sua formação, ao possibilitar a ampliação dos saberes sobre os processos administrativos, bem como sobre as dimensões política e pedagógica inerentes à gestão acadêmica (Moraes, entrevista em 18/02/2025).

A biografada juntamente com outros três colegas, organizou o primeiro livro da Coleção EducAções - Vozes da FACEDI: “Reflexões, experiências e perspectivas em educação”, fruto de um projeto coletivo que buscou registrar e divulgar as ações político-pedagógicas desenvolvidas na instituição (2010). Seu capítulo, intitulado “A defesa do ensino de artes a partir das articulações entre o movimento de artistas e arte-educadores (AARTI) e as instituições educativas de Itapipoca-CE: a perspectiva das redes de movimentos”, resultou da sistematização da pesquisa anteriormente realizada. Posteriormente, em 2014, produziu o segundo livro da coleção, Políticas educacionais: práticas e proposições, publicado pela Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), com a participação de autores de diversas universidades do país. A obra foi estruturada em três eixos temáticos: educação estética, formação e trabalho docente, e políticas e avaliação educacional (Moraes, 2025).

Por meio de seleção no edital de 2011 do Projeto Novos Talentos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o grupo liderado por Ana Cristina foi contemplado com financiamento para o desenvolvimento de atividades de extensão. O projeto envolveu professores e estudantes dos três cursos da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) - Pedagogia, Biologia e Química, bem como a comunidade do litoral oeste cearense. Considerando que a FACEDI configura-se como um polo de formação de professores para diversos municípios da região, o projeto estabeleceu interlocuções com uma rica diversidade sociocultural, abrangendo escolas indígenas, comunidades quilombolas, organizações dos movimentos sociais e demais instituições socioeducativas locais.

Ressaltamos que seus estudos doutorais vêm-se constituindo um aparato de investigação no seu processo de (auto)formação docente e sua pesquisa intitulada “Saberes estético-artísticos mobilizados em processos inovadores de formação docente em países diversos” vem colaborando na compreensão assentado na formação docente (2023-2025), como uma proposta de pesquisa centrada nos saberes e possibilidades pedagógicas inovadoras na formação docente, tomando-se por base referencial a abordagem das aulas-oficinas, em instituições formativas desses profissionais (Lattes, Moraes, 2025).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou compreender o percurso formativo da professora Ana Cristina, que possibilitou galgar uma formação sólida, mobilizados em processos de formação docente na

Educação Superior. Para tanto, desenvolveu-se um estudo biográfico para compreender a formação educacional da biografada.

Ana Cristina concluiu o processo de escolarização básica no final do século XX, quando ainda imperava nos sistemas de ensino a tendência tradicional, que consistia em um ensino mnemônico e enciclopédico. Salientamos que a biografada conseguiu ingressar no ensino superior e galgar uma carreira sólida dentro da universidade, orientando estudantes e pesquisadores dos programas de graduação e pós-graduação do estado

A partir de formações extracurriculares e o envolvimento em outros campos de atuação, como a militância estudantil e a formação continuada no magistério no campo da arte, a professora Ana Cristina possibilitou fundamentar seus saberes estético-artísticos por meio do desenvolvimento formativo docente estético, desdobrando seus conhecimentos por meio de aulas na graduação e formações em oficinas para professores de arte e professores que trabalham a linguagem artística em sala de aula, desenvolvendo assim, experiências formativas estéticas significativas mediadas pela arte e educação.

Salientamos a importância da formação continuada da professora Ana Cristina, uma vez que esta possibilitou fundamentar seus saberes estético-artísticos por meio do desenvolvimento formativo docente estético, desdobrando seus conhecimentos por meio de aulas na graduação e formações em oficinas para professores de arte e professores que trabalham a linguagem artística em sala de aula, desenvolvendo assim, e absorvendo as experiências formativas estéticas críticas significativas mediadas pela arte e educação.

A partir de formações extracurriculares, da militância estudantil e da formação continuada no magistério, a professora Ana Cristina consolidou seus saberes estético-artísticos, desenvolvendo uma prática docente pautada na formação estética. Esse percurso se materializa tanto nas aulas de graduação quanto em oficinas formativas voltadas a professores de arte e educadores que trabalham com linguagens artísticas. As experiências formativas, mediadas pela arte e pela educação, fortalecem uma compreensão crítica e sensível, ampliando os saberes docentes no campo estético e contribuindo, de forma dialógica e transformadora, para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e significativas.

Nessa perspectiva, a (auto)formação estética não é acessória, mas essencial para que o sujeito se perceba como ser histórico, sensível e criativo, capaz de interagir criticamente com o mundo e consigo mesmo, a auto(formação) estética amplia-se para compreender a forma como o sujeito lê o mundo, constrói sentidos e ressignifica sua existência. Rompendo com os modelos tradicionais da educação bancária, propõe uma aprendizagem ativa, contínua e transformadora, na qual o indivíduo torna-se protagonista de sua própria formação.

Conclui-se, portanto, que a biografia em tela torna-se valorosa tanto para a preservação da sua história e memória de professoras, bem como para melhor compreender o desenvolvimento da educação em diferentes contextos. Diante disso, sabemos que essa esta pesquisa não se esgota, tampouco que a biografia não tem o interesse de dar conta de toda uma vida, sendo assim, sugerimos pesquisas futuras acerca dessa temática, uma vez que salientamos sua relevância.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Samara Moura Barreto de; NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Autoformação docente: constituição e permanência do conceito. *Horizontes*, [S. l.], v. 40, n. 1, p. e022012, 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1366>. Acesso em: 1 jun. 2025.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 21 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 01 jun. 2025.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte, 1998**. Brasília: MEC. Disponível em <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/arte.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.

DETI/UECE. **Indicadores da Graduação**. Disponível em: <https://www.uece.br/proplan/deti/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: USP, 2022.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da História do tempo presente. **Revista Espaço Acadêmico**, Anápolis, v. 11, n. 125. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12565/7985>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice. Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

MORAES, Ana Cristina. Educação estética e auto(formação): singularidade no tornar-se docente. **Revista Digital do LAV-Santa Maria-vol.11, n. 2, p.20-39, 2018**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/30973>. Acesso em: 1 jun. 2025

MORAES, Ana Cristina. **Educação Estética em Práticas Antropofágicas na Ampliação do Repertório Artístico-cultural de Estudantes de Pedagogia (UECE)**. Tese, 2015, f. 251. Doutorado em Educação - Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas - SP: 2015. Disponível em: <https://www.uece.br/maie/wp-content/uploads/sites/92/2022/06/Tese-Versao-Final.AnaCristinaMoraes.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. A estética na formação de professores. In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016 p. 252-267.

NOGUEIRA, Aurinete Alves; CUNHA, Fernanda Ielpo da; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Trajetória de vida e formação profissional da professora Fátima Sampaio da Silva (1972-1994). **Revista Educação e Formação**. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/11937>. Acesso em: 20 fev 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. Biografia e gênero. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza Fialho; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Orgs.). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 54-70.

SCHILLER, Johann Christoph Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Francisca Luzia Araujo de. DANTAS, Paula Andréa de Oliveira. FIALHO, Lia Machado Fiuza. Gabriela Accioly: um olhar sobre a educação inclusiva no bairro da Sapiranga-Coité. **Periferia**, 17(1), e87693. <https://doi.org/10.12957/periferia.2025.87693>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/87693>. Acesso em: 27 junho 2025.

#### FONTE ORAL

MORAES, Ana Cristina. Entrevista em 18 de fevereiro de 2025.

- | Submetido em: dezembro de 2025
- | Aprovado em: fevereiro de 2026
- | Publicado em: abril de 2026